

Produção de subjetividades e performance musical: possíveis aproximações

COMUNICAÇÃO

Rafael Menotti Mazini
Universidade do Estado de Santa Catarina
rafamazini@yahoo.com.br

Vânia Beatriz Müller
Universidade do Estado de Santa Catarina
vania.muller@udesc.br

Resumo: o texto apresenta parte da fundamentação teórica e da revisão bibliográfica de uma pesquisa de mestrado em andamento que realiza uma etnografia em um projeto de Ensino e Extensão em música, visando investigar a produção de subjetividades dos sujeitos das performances musicais. A partir de um recorte de três trabalhos encontrados, a comunicação tem por objetivo identificar como os conceitos do campo da produção de subjetividades são considerados nos estudos de práticas músico-pedagógicas e traçar aproximações com a performance musical segundo a concepção de Christopher Small. Apresenta reflexões de possíveis diálogos entre a fundamentação teórico-conceitual e a metodologia de etnografia. Destaca que a perspectiva da produção de subjetividades traz subsídios para entender mais profundamente sobre as relações construídas na performance musical.

Palavras-chave: Produção de subjetividades, Educação musical, Performance musical.

Introdução

Esse texto faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que realiza uma etnografia das performances musicais das disciplinas de Grupos musicais: percussão II, IV e VI, onde ocorrerão recitais temáticos, que fazem parte do projeto de Ensino e Extensão Cirandas de Cidadania¹. A pesquisa busca investigar a produção

¹ As disciplinas fazem parte do curso de graduação de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O projeto de ensino e extensão Cirandas de Cidadania é coordenado pela Profa. Dra. Vânia Beatriz Müller e está vinculado ao Departamento de Música e ao Programa de Pós-Graduação em Música da mesma instituição.

de subjetividades dessas performances musicais. Trazemos nessa comunicação um recorte da fundamentação teórico-conceitual e da revisão bibliográfica desenvolvida até o momento. Nosso objetivo é discutir como o campo da produção de subjetividades é considerado em três estudos que investigam práticas músico-pedagógicas e, partindo desses estudos, propomos aproximações com a concepção de performance musical segundo Christopher Small (1927-2011).

O campo da pesquisa de mestrado tem início no segundo semestre de 2024, portanto, nos indagamos também quais diálogos podemos elaborar entre a fundamentação teórico-conceitual da produção de subjetividades com a da etnografia. Dessa maneira, propomos a submissão desse texto no GTE 2² para pensarmos em termos etnográficos sobre as questões das nossas bases teóricas e, com isso, ampliar nosso escopo teórico- conceitual sobre etnografia.

Na primeira seção desse texto estabelecemos uma conceituação sobre subjetividade, como ela se produz e qual a importância disso para uma educação musical alinhada a pedagogia crítica (Freire, 2019). Na segunda seção, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a revisão bibliográfica. A terceira seção discute sobre estudos que se apropriam do campo da produção de subjetividades para analisar práticas músico-pedagógicas, explorando dois conceitos: linhas de fuga e devir. Ao longo da seção, propomos aproximações desses estudos com a concepção de música de Small (1998, 2003). Nas considerações, destacamos qual a pertinência da perspectiva da produção de subjetividades para investigar uma performance musical e quais são as implicações disso para a educação musical.

Produção de subjetividades: implicação às práticas musicais

Guattari (2008) define subjetividade como “território existencial autorreferencial”. Esse território não é algo pronto e dado em si mesmo, mas constitui-se enquanto produção a partir de três sistemas ecológicos não hierárquicos: ambiental, social e mental – os quais ele denomina como *ecossófia* (Guattari, 2001). A ecologia ambiental refere-se à relação do sujeito com o meio ambiente natural; a ecologia social aborda as relações e as estruturas dentro de uma sociedade; e a

² Grupos Temáticos Especiais 2 - abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical.

ecologia mental envolve os processos internos dos sujeitos, como pensamento, percepção e afetividade.

Essas ecologias são ‘matéria-prima’ para que a subjetividade seja produzida. No que tange especificamente a ecologia social e mental, Guattari (1993, 2008) aponta que o Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tem inferências danosas nos territórios existenciais dos sujeitos – o que o autor nominou *subjetividades capitalísticas*. Segundo Guattari (2008), Capital, Significante e Ser estão interligados numa escolha ético-política, onde Capital impõem o valor do trabalho, o Significante organiza as expressões linguísticas e culturais, e o Ser aborda os aspectos ontológicos, limitando a experiência humana. Nas palavras do autor:

O Capital é o referente da equivalência generalizada do trabalho e dos bens; o Significante, o referente capitalístico das expressões semiológicas, o grande redutor da polivocidade expressiva; e o Ser, o equivalente ontológico, o fruto da redução da polivocidade ontológica. [...] A escolha do Capital, do Significante, do Ser, participa de uma mesma opção ético-política. O Capital esmaga sob sua bota todos os outros modos de valorização. O Significante faz calar as virtualidades infinitas das línguas menores e das expressões parciais. O Ser é como um aprisionamento que nos torna cegos e insensíveis à riqueza e à multivalência dos Universos de valor que, entretanto, proliferam sob nossos olhos (Guattari, 2008, p. 42).

Nessa perspectiva, propomos considerar Capital como um símbolo cultural – em uma compreensão antropológica de cultura. Para Geertz (1989), cultura é fundamentalmente um sistema dinâmico de símbolos, nos quais os indivíduos os interpretam para atribuir significados ao mundo ao seu redor. Entendemos que o contexto do campo da pesquisa de mestrado situa-se em um sistema-mundo onde Capital é símbolo naturalizado, por isso, nos questionamos como esse símbolo e seus pressupostos³ influenciam, de algum modo, a performance musical desse grupo.

Os registros etnográficos nos permitirão observar as diferentes naturezas relacionais dos sujeitos durante as performances, e, com isso, investigar as subjetividades produzidas. Pois, a produção da subjetividade se dá de modo relacional, a partir de instâncias de todo tipo de natureza: máquinas sociais, tecnológicas, mídias de comunicação, fatores biológicos, culturais, econômicos,

³ São eles: “1.a naturalização do mercado; 2.a epistemologia da verdade única; 3. homogeneização das consciências; 4. o ataque aos vínculos; 5. a fragmentação e a formalização” (Pellanda, 2001, p. 14).

ambientais, afetivos e demais estruturas (Guattari, 2008; Guattari; Rolnik, 1996). Dessa maneira, o território existencial não é isolado, fixo e nem uno, ao contrário, é dinâmico, processual e heterogêneo (Deleuze; Guattari, 2011; Guattari, 2008). A heterogênesse da subjetividade ocorre porque a produção de subjetividade se dá através de conjuntos de instâncias humanas e não humanas:

As condições de produção evocadas nesse esboço de redefinição [de subjetividade] implicam, então, conjuntamente, instâncias humanas intersubjetivas manifestadas pela linguagem e instâncias sugestivas ou identificatórias concernentes à etologia, interações institucionais de diferentes naturezas, dispositivos maquínicos, [...] essa parte não-humana pré-pessoal da subjetividade é essencial, já que é a partir dela que pode se desenvolver sua heterogênesse. [...] A subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos "matemas do Inconsciente", mas também nas grandes máquinas sociais, mass-mediáticas, linguísticas, que não podem ser qualificadas de humanas (Guattari, 2008, p. 20).

Nessa direção, Luciana Lobo Miranda (2005) traz a noção dos vetores sociais de subjetivação. Os vetores são forças sociais que influenciam a direção da produção de subjetividades. Miranda (2005, p. 37) aponta que “escola, mídia, trabalho, formas de modelo econômico e político são vetores atuantes de subjetivação”. Dessa maneira, argumentamos que uma performance musical⁴ é vetor social de subjetivação, portanto, ela dá direções à produção de subjetividades. O que propomos, enquanto diálogo entre Antropologia e Filosofia, é que os vetores sociais de subjetivação podem ser compreendidos como as direções condicionantes de uma cultura.

Partindo dessas reflexões: o que pode uma prática músico-pedagógica aliada a uma pedagogia crítica (Freire, 2001, 2019)? Que territórios existenciais as performances musicais estão possibilitando ser engendrados? E, para quais direções os vetores sociais de subjetivação de uma performance musical podem ser incentivados?

Para discutir sobre essas questões, trazemos nas próximas seções o recorte da nossa revisão bibliográfica e, partindo de três trabalhos, apontamos como

⁴ Entendemos performance musical enquanto qualquer encontro de pessoas fazendo música, onde são estabelecidas relações sociais – conceito fundamentado em Christopher Small (1998, 1999, 2002, 2003).

experienciar performances musicais podem levar os sujeitos a uma outra produção existencial de subjetividade que não a condicionante do Capital.

Revisão bibliográfica

Para a revisão bibliográfica foram realizadas buscas nas bases de dados: Portal de Periódicos da Capes, DOAJ e SciELO para artigos, e a BDTD e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes para dissertações e teses. Os termos utilizados nas buscas foram: "educação musical", "ensino musical", "prática musical", "experiência artística", deleuze, guattari, "filosofia da diferença", "produção de subjetividade", subjetivação, singularidade e singularização. Foi utilizado operadores booleanos para a construção de quatro estratégias de busca (**Erro! Autoreferência de indicador não válida.**).

Quadro 1 – Estratégias de busca

deleuze OR guattari	AND	"educação musical" OR "ensino musical" OR "prática musical"
"filosofia da diferença"		
"produção de subjetividade" OR subjetivação		
singularidade OR singularização		

Fonte: produzido pelo(a) autor(a) (2024).

A seleção dos trabalhos foi feita em duas etapas: a leitura dos títulos e resumos e, depois, leitura das introduções e conclusões. Dentre as pesquisas recuperadas e selecionadas para a dissertação, delimitamos na elaboração desse texto três estudos (duas teses e uma dissertação) que atendem ao objetivo proposto para essa comunicação. Na próxima seção, refletimos sobre as produções científicas encontradas, à luz da fundamentação teórico-conceitual e apontamos aproximações com o campo da performance musical.

Práticas musicais e produção de subjetividades: abordando alguns conceitos

Em sua tese, Ilana Assbú Linhales Rangel (2018) realiza uma pesquisa com seis sujeitos que participaram, quando adolescentes, de um projeto de extensão musical no Colégio Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), projeto que deu origem ao grupo Ah! Banda. Rangel (2018, p. 22) investiga se a prática músico-pedagógica desenvolvida no projeto pode ser caracterizada "como um espaço

desencadeador de processos de singularização como linha de fuga da produção de subjetividade capitalística” – conceitos fundamentados no campo da produção de subjetividades.

O conceito de linhas de fuga é proposto por Deleuze e Guattari (2008, 2010) e representa tangentes de escape dentro de sistemas estabelecidos. Essas linhas são trajetórias de resistência e de transformação que rompem as estruturas condicionantes, possibilitando aos sujeitos novas formas de existência. Considerando que práticas músico-pedagógicas são vetores sociais de subjetivação (Miranda, 2005), o que podemos oportunizar aos sujeitos de nossas práticas quando é oferecido tempo-espço para que as linhas de fuga sejam acessadas? Em uma sociedade condicionada pela lógica de mercado e que produz subjetividades capitalística (Guattari, 1993), as linhas de fuga podem apresentar maneiras de singularização:

A singularização é criadora de histórias, de novos sentidos e significados e de processos inéditos ou ressignificados. Ela pode representar a linha de fuga numa sociedade capitalista que, reforçando, nos informa como viver e nos expropria de toda vida de desejo (Rangel, 2018, p. 43).

A tese da autora permite observar como o campo de estudo da produção de subjetividades pode ser pensado para compreender e interpretar o que se dá durante uma performance musical. Na pesquisa, são apresentadas sete pistas⁵ comuns entre as narrativas dos sujeitos pesquisados, demonstrando que as atividades de criação musical possibilitaram a singularização. Nessas práticas, as linhas de fuga permitiram que os sujeitos se enxergassem como capazes de existir e de atrelar significados e ressignificados às suas experiências e relações sociais. Rangel (2018, p. 141) explica que:

[...] esses processos criativos, nos quais cada um é sujeito da própria história, acontecem pautados na liberdade e na autonomia e descolados de um quadro geral de significados, ou de um modo operante ou ainda partindo de um eixo que dispõem os elementos com que se deva criar. É preciso garantir que esses processos tenham a possibilidade de acontecer, pois importa o processo e sempre a

⁵ São elas: 1) Vem de fora e me move; 2) Acompanhado(a) vou mais longe; 3) Crio, logo existo; 4) Me encontro com tudo e com todos; 5) Eu que sou nós; 6) E eu que trabalho; 7) Uma escola pra gente.

possibilidade de fazer e refazer, de significar e ressignificar e de deixar os processos singulares se desdobrarem.

A importância que a autora atribui ao processo criativo musical dialoga diretamente com a concepção de música de Small (1998, 2003). O autor defende a música enquanto ação⁶, e insiste “[...] na importância primordial do processo artístico e na relativa falta de importância do objeto artístico; o instrumento essencial da arte é a experiência irrepetível” (Small, 2003, p. 14, tradução nossa)⁷. É na potencialidade da experiência de criação musical ‘irrepetível’ de possibilitar singularização como linha de fuga, que Rangel (2018) acredita residir uma prática músico-pedagógica contra-hegemônica.

Na mesma direção, Karine Larissa Ströher (2019) pesquisa o que pode a performance musical enquanto promotora de produção de subjetividades inventivas que possibilitem aos sujeitos outros devires que não os condicionados pelo sistema neoliberal. O estudo aponta como uma performance musical pode possibilitar tempo-espaco para romper com os mecanismos da vida capital (Pelbart, 2011), por meio “de um devir pelo som, de um fazer-se com o som. Compor com aquilo que reverbera e que vai imantando os afloramentos e o que está por aflorar na subjetividade” (Ströher, 2019, p. 68).

Zourabichvili (1997) explica que o conceito de devir, concebido por Deleuze, implica processos de mudanças. O devir do sujeito ocorre na transformação dos sentidos que atribui às relações habituais da vida. Para isso, se faz necessário um encontro, pois, é a relação com o exterior que possibilita o devir, repetindo a existência de um modo diferente. Dessa forma, é possível interpretar que o “devir pelo som” é experienciar e se (re)descobrir com o som e com quem faz som junto.

Ströher (2019) argumenta em favor de uma educação musical que possibilite aprendizagem por meio de experimentação e de autoria musical. A defesa é de que a performance musical, ao valorizar os vínculos e o acolhimento, pode proporcionar experiência de tempo-espaco diferenciada da imposta pelo neoliberalismo:

⁶ A concepção de que música é algo do fazer, levou o autor a cunhar o termo em inglês *musicking* (Small, 1998, 1999), que no Brasil é comumente traduzido como musicar.

⁷ “[...] *Insisto en la suprema importancia del proceso artístico, y en la relativa falta de importancia del objeto artístico; el instrumento esencial del arte es la experiencia irrepetible* (Small, 2003, p. 14).

[...] o coletivo foi sendo sustentado conforme os vínculos foram se configurando e reafirmando. Os sentidos de estar ali [na performance musical] se deram por conta de com quem a música era feita. A autoria se fez presente e muito frequente em uma das oficinas de piano, sobretudo a partir das práticas musicais das crianças. A criação de um tempo-espaço outro apontou os esquecimentos como pontos-chave: esquecer-se dos problemas e dedicar-se a algo que trazia em si satisfação e que era muito esperado (Ströher, 2019, p. 94).

Nesse contexto, fazer música não é apenas uma atividade, mas um meio de construir relações e de dar sentido à experiência de estar junto fazendo música. Para Small (1999), “o ato de musicar cria entre os presentes um conjunto de relações, e é nessas relações que se encontra o significado do ato de musicar”⁸. Portanto, a performance musical, que pode ser uma prática músico-pedagógica, configura-se como um espaço para encontro, criação e transformação, possibilitando aos sujeitos (re)inventar formas de existência – favorecendo a direção para uma produção de subjetividades positivada.

O que os estudos nos apontam é que para uma singularização emergir, para que as linhas de fuga possam ser acessadas e para possibilitar um devir, se faz necessário um espaço-tempo propício, que difere de uma sociedade capitalista. Isso ocorre, segundo Borba (2020, p. 51), porque “a noção de tempo desenvolvida pela ciência – tempo mecânico, *chronos*, passado/presente/futuro – não favorece um pensamento no contexto das multiplicidades”. A multiplicidade necessita de outro tempo que não o pulsado pelo relógio, pois, para a potencialidade de devir, é necessário deslocamento de tempo.

O autor propõe que um grupo musical em uma aula é uma banda musical que pode ou não se apropriar de um devir-animal, estabelecendo-se assim como um bando. Afinal, um bando “também é a arte de viver junto, de fazer junto, de compor um coletivo” (Borba, 2020, p. 65). Nesse sentido, o coletivo musical se faz na multiplicidade presente nas conexões de sonoridades, pensamentos, concepções, timbres, ritmos, tempos, afetos, sentidos, percepções e outras instâncias de singularização dos sujeitos. Dessa forma, podemos compreender que as

⁸ *El acto de musicar crea entre los asistentes un conjunto de relaciones, y es en estas relaciones donde se encuentra el significado del acto de musicar* (Small, 1999).

performances musicais podem proporcionar deslocamento de tempo-espço de forma coletiva e, com isso, possibilitar o acesso dos sujeitos a diferentes devires.

Considerações

Foi possível notar nos estudos que o campo da produção de subjetividades apresenta suportes consistentes da Filosofia e da Psicologia para compreender com profundidade os significados que emergem em práticas musicais. Consideramos que a fundamentação nesse campo de estudos, também traz contribuições pertinentes para a pesquisa de mestrado em andamento que realiza uma etnografia. Pois, aponta como a pessoa que faz a etnografia pode olhar para a subjetivação dos significados simbólicos de uma cultura (Geertz, 1989) - o que Guattari (2008) categoriza como ecologia social. Desse modo, compreendemos que as reflexões no GTE 2 contribuirão para a estrutura do projeto de pesquisa de mestrado no que diz respeito a etnografia e a fundamentação teórico-conceitual que lhe é pertinente.

As pesquisas de Rangel (2018), Ströher (2019) e Borba (2020) reforçam a importância de se estabelecer uma prática músico-pedagógica que priorize a coletividade e a experimentação. Há convergência entre as autoras e o autor ao apontarem que práticas musicais possuem significados que estão atrelados ao modo como o sujeito se relaciona com e na performance musical – o que se aproxima diretamente da concepção de música de Small (1998, 2003). As três pesquisas recorrem a conceitos do campo da produção de subjetividades e destacam como uma performance musical pode promover tempo-espço para os sujeitos se conectarem com suas inventividades e com as de outras pessoas.

Em nossas pesquisas, seguimos com os conceitos de linhas de fuga e de devir, alinhados com um posicionamento político-músico-pedagógico crítico (Freire, 2001, 2019), para investigar como a performance musical pode promover ruptura das subjetividades capitalísticas (Guattari, 1993). Quando assumimos as performances musicais enquanto vetores sociais de subjetivação, reconhecemos que as práticas musicais possuem inferências diretas na produção de subjetividades dos sujeitos. Portanto, consideramos oportuno apontar que a docência musical possui alta responsabilidade ao promover performances musicais – o que a etnografia pode potencializar.

Referências

BORBA, Marcelo Barros de. *Criar com bandas: ritornelos do bacharelado em música popular da UFPEL*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em:
<http://guaiaca.ufpel.edu.br/xmlui/handle/prefix/10176>. Acesso em: 12 ago. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* Vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* Vol. 2. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 59. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. *In: PARENTE, Andrade (org.) Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1993. p. 177–191.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MIRANDA, Luciana Lobo. Subjetividade: a (des)construção de um conceito. *In: SOUZA, Solange Jobim (org.). Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005. p. 29–46.

PELLANDA, Nize Maria Campos. À Guisa de Introdução: reflexões sobre o neoliberalismo e subjetividade. *In: MC LAREN, Peter. A Pedagogia da Utopia. Conferências na UNISC*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. p. 7-27.

RANGEL, Ilana Assbú Linhares. *Histórias (musicais) de vida: as experiências de jovens participantes de um projeto de extensão universitária em diálogo com Guattari e Vigotski*. 2018. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12833>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SMALL, Christopher. *Música sociedad educación*. Madrid: Alianza Música, 2003.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performing and listening*. Hanover, NH: University Press of New England, 1998.

STRÖHER, Karine Larissa. *O que pode a experiência da performance musical?* 2019. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000076/000076f3.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

ZOURABICHVILI, François. O que é um devir para Gilles Deleuze? *In: LABEMUS: laboratório de estudos de teoria e mudança social*. 1997. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2019/12/09/o-que-e-um-devir-para-gilles-deleuze-parte-1-por-francois-zourabichvili/>. Acesso em: 12 ago. 2024.